



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ RIBAMAR PEREIRA FILHO

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-669

Entrevistado: Jose Ribamar Pereira Filho

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Rio de Janeiro

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

Data da entrevista: 18/03/2016

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque e Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 10 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional; Atuação no Ministério do Esporte; Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Projeto piloto do PELC; Políticas públicas de esporte e lazer; Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Rio de Janeiro; Programa Segundo Tempo; Programa Vida Saudável; Ministério do Esporte.

Rio de Janeiro, 18 de março de 2016. Entrevista com José Ribamar Pereira Filho a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias

P.J. – Ribamar, inicialmente, queria te agradecer por disponibilizar teu tempo para conversar conosco e gostaria tu começasse contando um pouco da tua formação e do teu envolvimento com essa temática do lazer.

J.F. - Eu cursei Educação Física de 1983 a 1986 na Escola de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É uma das primeiras escolas do país de Educação Física onde tinha toda uma formação muito dentro da lógica que tinha influenciado a Educação Física e a temática do desporto aqui no Brasil. Muito alinhado a uma perspectiva da ideia de copiar certo modelo de esportivização do universo americano dos Estados Unidos. Eu acho que eu era muito influenciado numa formação basicamente esportivizante, como a gente chamava na época, com bastante legado da lógica tecnicista já que os principais professores que tinham saído para fazer aprofundamento acadêmico no exterior, a maioria deles tinham ido para as universidades americanas. Naquela época tinha toda uma lógica voltada para o tecnicismo, mas a vantagem é que você aprendia o tecnicismo. Nessa caminhada de formação acadêmica e graduação, eu começo também a participar do movimento estudantil e logo em seguida eu me formo no movimento sindical e ao mesmo tempo começa uma inquietude dentro da lógica de como pensar uma Educação Física no interior da escola e ao mesmo tempo como pensar uma política de esporte para além da lógica vigente que era chamada Esporte para Todos. A gente começa de certa maneira a sonhar com possibilidades. Esses sonhos estavam muito ligados a formação que você tinha, acadêmica, a tua prática profissional, no dia a dia e a militância política através dos sindicatos e partidos políticos essas coisas começam a se juntar e tomar uma proporção. Quando, na realidade, a gente começa também a participar da elaboração dos chamados programas de governo que os candidatos do Partido dos Trabalhadores, a qual eu já era filiado, continuo filiado até hoje e continuarei... E nesse momento que a gente faz essa entrevista, é importante falar essa questão, e a gente começou a colaborar nessa questão dos programas de governo, ou seja, como é que a gente poderia pensar ações de políticas públicas no conjunto maior da população e ao mesmo tempo como a gente

poderia pensar também a possibilidade de garantir o direito, o acesso, não só da população que estava na escola, através da Educação Física escolar, mas também a população que não ia estar na escola etc. Esse conjunto de coisas, essa sinergia que fez com que a gente começasse a amadurecer especificamente alguns companheiros, professores, etc, também se encontravam nos fóruns sindicais, fóruns acadêmicos, fóruns partidários. Eles traziam uma certa inquietude, da necessidade de pensar algo com mais qualidade a oferecer e ao mesmo tempo ao oferecer essa qualidade também ganhar uma certa respeitabilidade num conjunto do universo, tanto acadêmico, na escola, no interior do governo e etc. Na realidade em função do processo político muitos de nós tiveram a oportunidade de ter as suas primeiras experiências de gestão e quando você vai ter a primeira vez de gestores começam a ter que confrontar com os seus desejos as suas críticas mas também a possibilidade de realizar e vai “pipocando” no Brasil toda uma ideia de fazer de maneira diferente sob o ponto de vista da Educação Física escolar. Essa ideia até de as coisas dos extremos, até negar a própria essência da Educação Física escolar, ou seja, de perder um pouco da lógica, mas também o meio termo de como, por exemplo, você trabalhar a Educação Física no interior da escola voltado para uma lógica que pudesse ter uma participação mais inclusiva, que dessem oportunidade de todos participarem, sem perder a perspectiva da necessidade que eles precisam ter o processo de ensino aprendizagem de maneira formal. Então não é uma lógica de exclusão, mas também não é uma lógica de negar completamente achando que o esporte é algo alienante essa coisa toda. Isso no interior da escola teve esse movimento e fora da escola começa a ter um conjunto de movimentos como é que você vai montar a proposta efetiva capaz de dar ao conjunto da população efetivamente o direito que está previsto na constituição? E essa luta toda na constituição a gente participou de maneira militante depois da própria garantia na LDB¹. Especificamente da Educação Física no interior da escola, como é que você vai garantir a possibilidade da prática de atividades físicas esportivas para um conjunto maior. Importante dizer que também na década de oitenta começa um fenômeno interessante. Eu costumo dizer que é a quebra do paradigma do Doutor Cooper² quando ele falou assim: “Esqueçam tudo o eu falei, correr faz muito mal à saúde passem a caminhar.” Quando as pessoas começam a entender que fazer atividade física a partir de uma caminhada é algo muito importante você traz para o bojo da atividade física um conjunto imenso da

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

² Kenneth H. Cooper.

população que tinha tido a prática da atividade física quando era jovem e depois tinha abandonado completamente, com raras exceção, principalmente nas áreas populares e você traz para a atividade física pessoas da melhor idade ou pessoas que já estão numa faixa etária mais madura, começa esse movimento. Até então, na época eu trabalhava com a área de judô, eu tinha a escolinha de judô em academias, a vovó só levava a criança para acompanhar e de repente pintou hidroginástica, que nem todo mundo sabia nadar, mas todo mundo queria fazer hidroginástica. Aquela hidroginástica deu um *boom* nas academias e você começou a ver uma lógica de construção, evidentemente, quando eu estou falando de academia é numa lógica de mercado o produto ali da hidroginástica que você trouxe várias pessoas que ficam parada olhando o outro, o seu neto, ou o seu filho na atividade esportiva, mas não participavam. Depois a própria musculação, a década de oitenta também começa um movimento muito maior, que também vai exigir dos governos uma resposta para além de construir ginásios, porque até então, a política também basicamente das secretarias era voltada para criar os ginásios esportivos, fazer as escolinhas das quatro modalidades clássicas. Alguma diferença em função da cultura que poderia... Cultura popular vamos dizer assim, que teria naquele município, naquela região e fazer os jogos estudantis, os jogos de integração regional, intermunicipal e por aí vai. Esse conjunto de coisas fez com que no caso da área que ficou mais ou menos ou completamente independente com a criação das Secretarias Municipais de Esporte e Lazer ou efetivamente nos departamentos que foram criados ou dentro das Secretarias Municipais de Educação ou de Cultura ou até mesmo de Turismo, alguém começasse a pensar no conjunto de ações para efetivamente política pública, isso é um longo processo de maturação que foi criando uma massa crítica que foi desde a área acadêmica, da área sindical, da área da vivência profissional e da população que passou a exigir. Não podia mais você se apresentar para um governo se você não tivesse uma proposta para esporte e lazer, não que isso tivesse um peso na definição política, mas isso já começou a ser uma preocupação, foi muito importante porque na realidade começou a se perceber que na realidade isso era um elemento central, pois bem esse processo de Programa de Governo desde que o PT³ começa a ganhar outras prefeituras etc. Começa a criar a questão do modo petista de governar que foi interessante esse momento porque queríamos fazer de uma maneira diferente e vamos fazer de maneira diferente em todas as áreas, inclusive, a área de esporte e lazer. Essa vivência das

³ Partido dos Trabalhadores.

prefeituras do PT, mas também de parte dos aliados que tinham essa visão foi trazendo a gestação de uma forma de políticas públicas que culmina num grande ápice com a vitória do Lula⁴ em 2002 que começa efetivamente a criação do Ministério do Esporte que é um dado muito importante. Dentro desse Ministério são criadas três secretarias para tratar dimensões... É evidente que a hegemonia continuou sendo da lógica do esporte de alto rendimento, mas principalmente o esporte enquanto mercadoria e dentro da lógica de mercado, mas você viu lá uma Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, uma Secretaria Nacional do chamado Esporte Educacional e uma Secretaria Nacional de Esporte de Rendimento, e essas secretarias fazem programas e começam a gerar um conjunto de ações e debates. Aí surgiu o PELC⁵ que na realidade a gente pode chamar de a síntese de uma experiência histórica acumulada, capaz de dar uma resposta efetiva de construção de uma política pública na área de esporte e lazer. Capaz de fazer com que chegue o direito para camadas que historicamente não poderiam usufruir desse direito porque não tinham o poder de compra, porque quem tinha poder de compra já usufruía desse direito lá na década de 1970 através dos grupos, dos clubes sociais que eram fortes. No Rio, por exemplo, teve uma época muito forte que depois foram se descaracterizando pela construção dos condomínios que você paga um aluguel, um condomínio caro você tem tudo dentro do seu condomínio, então, você não vai pagar para um clube. Os clubes foram se esvaziando, teve essa galera que conseguia isso, depois a falta de qualidade e a gestão desses clubes que sempre foram uma grande confusão surge a possibilidade das academias, que no início eram só para ginástica estética depois com a musculação. Depois começaram a ter produtos, um exemplo clássico é a natação, a lógica da natação da atividade esportiva num clube social ela foi sempre regada na *performance*, então, muitas crianças que não tinham *performance* elas eram expurgadas do clube social, o que acontece? Começam a montar pequenas piscinas em casas e depois esse negócio dá tão certo que as academias começam a construir pequenas piscinas e aí vê que o problema não estava no tamanho da piscina, que se no clube social tinha uma piscina de metragem olímpica, cinquenta metros... Por exemplo, eu trabalhava numa academia chamada Estilo Center⁶ onde a piscina tinha doze metros e meio, e ela estava cheia o tempo todo justamente para as crianças aprenderem a nadar, mas isso quem podia pagar e quem não

⁴ Luis Inácio Lula da Silva.

⁵ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

podia pagar você tinha que ter uma política em relação a isso. O PELC dentro da política do Ministério ele representa essa síntese e colaborou bastante nesse processo que eu acho que o Ministério foi numa crescente e dentro da minha avaliação contribuiu muito toda essa movimentação no conjunto do Ministério e a síntese dessa política do PELC em conseguir fazer chegar lá. Eu me lembro dos primeiros: Dionísio Cerqueira⁷ lá na fronteira e indo já como formador, quando você ia ao município como é que as pessoas te recebiam o prefeito da cidade fazia questão de jantar contigo, ou seja, almoçar te levar... Enfim conhecer a cidade, você criava ali uma possibilidade de começar a gerar um sistema nacional efetivamente na área de esporte e lazer, isso se consolida enquanto abordar o sistema nas Conferências Nacionais de Esporte e nós vamos até ali e começamos o nosso problema. Eu destaco a possibilidade de um processo dialógico e de construção, por exemplo, o primeiro Ministro do Esporte, o Agnelo⁸ ele só falava em Segundo Tempo⁹ mais depois ele foi amadurecendo... O melhor Ministro que eu acho que a gente já teve na área do esporte Orlando Silva¹⁰, ele teve uma compreensão grande embora não era da área, mas teve uma sacação política... Isso que eu acho que chega na gestão do Orlando o ápice, quando o Orlando sai e entra o ministro Aldo Rebelo¹¹ e depois os outros que o sucedeu ou o atual etc. Esse negócio para a gente perde absolutamente tudo o que a gente construiu evidente que deu uma conjuntura eminente etc., mas se a gente perceber que crescente do acúmulo que veio da criação do Ministério e até a realização da Copa do Mundo e agora as Olimpíadas de 2016 e o que o Ministério começou em 2002 até a gestão do Orlando a gente percebeu que a gente poderia conquistar. Gostaria de, não perdendo a lógica hegemônica, dentro da lógica de mercado porque a gente vive dentro desse sistema a gente retroagiu, o Ministério perdeu o protagonismo inclusive na área de alto rendimento. Eu participei do Fórum Americano, o Pan-Americano... O Ministério do Esporte teve um protagonismo nessa cidade em 2007 enorme e em 2016 ninguém ouviu falar a confusão que... Ninguém ouviu falar a própria empresa, a Autoridade Pública Olímpica nunca conseguiu decolar, mas isso aí são outros quinhentos, mas o que eu estou querendo falar para vocês é que, na realidade, o PELC para mim é uma síntese desse processo histórico que vários atores foram envolvendo. E a partir do formato dele nós conseguimos fazer um

⁷ Município do estado de Santa Catarina.

⁸ Agnelo dos Santos Queiroz Filho.

⁹ Programa Segundo Tempo.

¹⁰ Orlando Silva de Jesus Júnior.

¹¹ José Aldo Rebelo Figueiredo.

diálogo não só um diálogo, mas efetivamente um diálogo pela prática porque as atividades aconteciam e de fato minimamente botar para funcionar de fato a Política Pública de Esporte e Lazer em todos os setores numa cidade como o Rio de Janeiro ou na cidade de Niterói que também foi um dos primeiros campos. Aí me lembrando na memória e Dionísio Cerqueira que era até um projeto piloto e foi bastante interessante, foi bastante interessante

P.J. – Ribamar, tu participaste nessa época desses projetos piloto tu chegou a fazer formação em algum desses locais?

J.F. – Não! Eu não me lembro, acho que não eu não fui um dos primeiros formadores não. Eu acho que eu peguei já na segunda etapa, os formadores eu acho que no projeto piloto foram cinco: Brasília, Dionísio Cerqueira, Niterói, Distrito Federal, eu estou lembrando de Bagé e tinha um quinto... Não participei porque eu estava... Foi no ano de 2003 eu não participei, daí quando amplia na questão de formação é que eu entro.

R.R. – O que eu acho importante e tu relatar um pouco dessa tua entrada na formação, que como tu tem uma facilidade de fazer essa abordagem contextualizada da política com a história. Tu dá uma retrospectiva do desenvolvimento desse processo até o momento que tu saiu, como é que se deu em termos de formação de espaços a serem trabalhados a relação com a Universidades que tu fizesse um panorama uma análise dentro dessa conjuntura.

J.F. – Na realidade quando se monta, e isso era uma coisa muito interessante assim, quando se monta essa lógica, temos um programa, mas as pessoas precisam entender que não é só fazer um repasse de verba porque, na realidade, se a gente considera o aspecto geral da lógica da organização política do Brasil a gente vai ver o seguinte: todo o prefeito de qualquer cidade vai ter uma possibilidade de verba do Governo Federal. Ele vai pegar, ele não quer saber muito o que tem, então, ele vai lá pegar, e qual é o nosso cuidado? Aí, sim, qual é a lógica da formação? Não era só passar o convênio, era também você começar a dialogar ali com o prospecto de mostrar qual era a essência do projeto. Então, na realidade, quando se monta a formação se monta muito na lógica da perspectiva de quais são os conteúdos, qual a linha mestra teórico-metodológica que baliza esse programa, então, isso era uma coisa muito importante na lógica da formação. Isso a gente avançou muito, a gente

conseguiu sintetizar o material fruto da experiência que muitos já viviam e que ajudava muito ter clareza do porquê, os conceitos centrais na área de esporte, que tipo de esporte que nós estamos querendo trabalhar na perspectiva do lazer, etc. No primeiro momento e depois até avançamos para a questão do Vida Saudável que também foi uma outra questão que a gente teve que dialogar com pessoas que estavam se dedicando mais a esse estudo de atividade física voltada para a terceira idade. Então, do ponto de vista da formação, ela vai montando, ela vai criando essa necessidade e vai aglutinando pessoas que se identificam com essas linhas teóricas e metodológicas e não era nenhuma surpresa que essas pessoas que se identificavam com essa linha teórico-metodológica. Na realidade elas já dialogavam em um processo histórico dentro da universidade dentro dos congressos científicos, principalmente o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte. Dentro dos sindicatos, dentro de uma série de coisas que aproximavam as pessoas, então, quando se monta a lógica da formação se monta muito claro. Nós queremos dialogar com as pessoas porque a gente entende que o PELC tem que ter essa linha para a área de esporte, ele tem que entender que a área de esporte é uma das perspectivas básica da lógica do lazer. A atividade física que a gente estava falando tem que entender que é o tipo de atividade física voltado para a questão da qualidade de vida, do processo de inclusão. Eu acho que a única coisa que a gente comeu bola foi que na realidade a gente começou a ter uma experiência com as mais diversas entidades governamentais e não governamentais e nós falamos para eles sobre a questão do conteúdo. Mas a questão de gestão do programa que depois começou a dar muito problema, não por causa de dono, mas é porque as pessoas não sabiam o que é fazer um convênio, entendeu? O que é fazer um convênio, qual a minha responsabilidade e a do convênio. E o Ministério nessa época nem prestava conta, o negócio deixava lá dez anos depois que ia te falar que tinha feito uma coisa errada e nunca ninguém te orientou como é que você deveria fazer. Acho que essa parte a gente não conseguiu fazer, a gente fez muito bem essa questão da formação focada para a questão de conteúdo, da metodologia teórico-prática a ser desempenhada... Não era uma metodologia em um conjunto de boas práticas porque não era, nunca foi a ideia de uma camisa de força ou manual de instrução. A formação trabalhava com grandes conceitos e de depois a gente via como aqueles conceitos iriam ser colocados em prática. Na realidade de cada um eu me lembro do filme do PELC quando a gente foi fazer tinha um garotinho andando de carro de boi em Dionísio Cerqueira. Para a gente que mora aqui no Rio de Janeiro pode não significar absolutamente nada, mas quem mora lá tem um outro significado: a de se reunir porque é um município

tipicamente pequeno, rural lá do Sul que vocês conhecem melhor do que eu. Então o que eu estou querendo dizer assim, esse processo de formação fortaleceu muito isso. Era o grande diferenciador do PELC porque o PELC, mesmo sendo um programa dentro do Ministério, era um programa que tinha menor dotação orçamentária comparado a outro programa social que era o Programa Segundo Tempo. O PELC do meu ponto de vista tinha muito mais clareza e fundamentação teórico-metodológica que o Segundo Tempo. O Segundo Tempo, na realidade, era: mandei a criança para a escola de qualquer maneira e dá um lanchinho lá.

P.J. – Ribamar, por favor, fala um pouco sobre a ideia do Vida Saudável. Como ela surgiu e a diferença também da formação que aconteceu do PELC para o Vida Saudável?

J.F. – Bom, na realidade eu posso falar de uma maneira genérica porque, na realidade o que a gente percebeu? Os nossos programas estavam muito formatados nos programas sociais de uma maneira geral, estava muito formatado assim... Quando você pegava as bases de dados para ver a faixa etária, você via o seguinte: muita criança e quando chegava na parte da adolescência caía muito e focava-se muito nas crianças. Na adolescência caía muito, adulto tinha muito pouco, idoso... Algumas atividades eram muito do ponto de vista com muito boa vontade porque poucos que trabalhavam tinham formação, então, a gente percebia que não tinha uma base ou a de criança que as pessoas tinham mais segurança de trabalhar. Nós tínhamos um buraco aí que não é um programa nosso, é o buraco de adolescentes que sai dos programas, com poucos adultos e muitos idosos... Mas é um produto bom para idosos, então na realidade foi começar um diálogo com pessoas que estavam estudando envelhecimento. Eu me lembro que no curso de Vida Saudável eu aprendi o significado da palavra aposentadoria. Era o professor Luis Carlos Vieira¹²... Vocês já ouviram falar de aposentadoria, todo mundo escuta. Desde que eu me entendo por gente, fulano é aposentado, mas o que está por trás da palavra aposentadoria? Recolher para os aposentos! Aquela visão de quando você era aposentado, você se recolhia. O movimento do Vida Saudável sintetizava justamente essa diferença. Do cara, ao ter finalizado o seu processo de contribuição e passou a ser um beneficiário da previdência, ele não vai se recolher pelos aposentos. Ele vai estar apto a continuar a fazer atividade

¹² Nome sujeito a confirmação.

física e aí o Vida Saudável começa a abordar esses conceitos: que tipo de atividade física, a melhor para essa faixa etária, que tipo de atividade física pode atingir o homem aposentado, que é uma coisa também que a gente percebia que se por um lado, nós tínhamos um grau grande participação de idosos, mas era tudo do sexo feminino porque o homem idoso não vai para o programa. E a mulher idosa, mesmo com dupla jornada de trabalho ao longo de sua vida, ia pelos dois, porque o homem idoso se deprime porque ele tem mais dificuldade de socialização. Então começa essa história de Vida Saudável. E o Vida Saudável, além de ter uma formação com esse olhar, mas não era um olhar diferenciado... O Vida Saudável passa a ser um complemento de um olhar específico para determinada faixa etária que precisa de um conjunto de ações bastante específicas e que precisa de um conhecimento. Muito de nós não tivemos oportunidade de estudar porque estudar envelhecimento não passava... Quando eu fiz formação em Educação Física você não estudava, você estudava esporte, esporte voltado para criança e jovem, era um país de jovens.

P.J. - E, como foram selecionadas essas cidades do Projeto Piloto?

J.F. – O projeto piloto foi selecionado para testar o modelo. Eu me lembro que na época o Secretário era o professor Lino Castellani Filho e nós fomos testar o modelo voltado para um Brasil que é muito plural. Na realidade como é que esse modelo funciona? Em um município com as características do Dionísio Cerqueira, que é um município pequeno, como é que esse modelo funciona com um município com características como Niterói um município de médio porte? Um município de características como Bagé, como o Distrito Federal, então, se não me engano eram os cinco. A ideia foi montar o piloto levando em consideração regiões, características territoriais e socioeconômicas de cada local para a gente tentar ver como é que era essa resposta. Então o critério vamos definir assim, o critério técnico passou por isso e ao mesmo tempo pensava-se em um modelo de equipamento capaz de responder isso. Foi até contratado na época um escritório de arquitetura que montou uma proposta de arquitetura para que a gente também começasse a fugir daquela construção que até hoje é histórico das famosas quadras. Todo mundo bota emenda parlamentar para construir quadra e o problema é esse quem frequenta quadra... Esse modelo de equipamento tinha que seguir um programa a ser testado e o modelo de equipamento que era a ideia de um equipamento multifuncional de modo que pudesse você

ter várias possibilidades, que quando você constrói uma quadra de certa maneira você já está induzindo o limite. Você está dizendo quem vai para lá, vai na quadra e o interessante que quadra em qualquer lugar... Você sabe, domingo de manhã quem está na quadra era só homens; as crianças não estão domingo de manhã. A noite quem está na quadra? Homens, jovens, criança está em um dia de semana ou de tardezinha. As mulheres não vão na quadra, então, quando se pensou esse critério, como testar esse modelo em cidades diferentes em regiões diferentes ao mesmo tempo? Como já começar a pensar o equipamento capaz de botar esse modelo, isso que a gente sonhava.

R.R. – Tu chegaste a atuar no Ministério do Esporte ou só como formador?

J.F. – Só como formador. Atuei no Ministério como consultor também na época dos Jogos Pan-Americanos. Tinha um escritório aqui e eu participei do ponto de vista de consultor. A gente começou com a ideia do legado social dos Jogos Pan-Americanos, a gente conseguiu avançar com o Segundo Tempo com duzentos e cinquenta alunos...

P.J. – Como é que foi a primeira seleção de formadores do PELC e Vida Saudável?

J.F. – Olha, a primeira seleção de formadores foi muito por rede; uma rede de afinidade. Tinha uma questão bem objetiva, todos os formadores detinham condições de titulação acadêmica que garantiria a rigorosidade. Mas não era só titulação acadêmica por titulação acadêmica. Eles eram protagonistas daquilo que eles iriam apresentar. Na realidade seria o que nós chamaríamos claramente de consultores de notório saber. Ali não se abria mão, não era qualquer um o formador; o formador tinha que ter um processo, então, todos eram especialistas no mínimo mestres, doutores, etc, mas todos tinham trabalhos publicados, todos tinham experiência de gestão. Foi juntando essa questão, que eram pessoas já dialogavam o tempo todo, então, na realidade não foi o que eu estou querendo passar aqui. Não foi um lance que chegou e inventou. Na realidade aquela oportunidade, quando se criou o Ministério em 2002 foi como a Prefeitura de Porto Alegre na primeira gestão lá do governo do Olívio Dutra, o que se fazia com os parques, com as praças e tinha essa expressão, como é que o pessoal de Diadema fazia, as mulheres de movimento e assim, sucessivamente para pegar dois lugares que foram simbólicos nas administrações democráticas populares na década de oitenta. Porto Alegre e Diadema! Isso foi se

juntando, as pessoas que tinham experiência do ponto de vista de terem oportunidade de participar da gestão e tinham pessoas que tinham experiência que estavam mais na universidade e tinham pessoas que tinham experiência que estavam ali no dia a dia botando as coisas para funcionar enquanto profissionais. Os formadores têm essa característica que no fundo, quando se junta para montar os formadores, eles se juntam para montar uma proposta e essa proposta ela estava muito aliviada porque, na realidade, isso aí fazia muito da parte dos sonhos e dos desejos das pessoas, entendeu?

P.J. - Tu lembras quem eram as pessoas que estavam envolvidas nesse processo?

J.F. – No primeiro processo de formação?

P.J. – É!

J.F. – Não, na época o primeiro Secretário de Esporte e Lazer e depois a professora Rejane¹³... O professor Lino Castellani, era importante entender o professor Lino, de uma certa maneira ele tinha uma rede de conversas principalmente nesse processo de participação efetiva no processo de construção de Programas dos Governos Democráticos Populares e depois toda essa luta da LDB, depois no Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte que é uma entidade muito importante. Enfim foi juntando Movimento Sindical, Associações de Professores de Educação Física, Federação da Associação dos Professores de Educação Física, discussão se regulamenta ou não a profissão, então, esse povo estava presente em todos esses debates, então quando ele chega na composição, chega lá o Luiz Otávio¹⁴ como diretor, chega o Roberto Liao... Tinha um conjunto de companheiros do Pará que tinha tido uma importante construção lá na Prefeitura de Belém e com um peso político muito grande em função de terem um a relação muito direta com o prefeito Edmilson Rodrigues¹⁵ que na época já estava bastante sensibilizado... Quem vai no Ministério vai trazendo isso, o que faz é que há uma sistematização para bolar um programa capaz de representar e nos diferenciar da área de Esporte e Rendimento. Na área do social estava colocado o Segundo Tempo, ou seja, desde a história do horário integral

¹³ Rejane Penna Rodrigues.

¹⁴ Luiz Otávio Neves Mattos.

¹⁵ Edmilson Brito Rodrigues.

aqui no Rio de Janeiro, partiu do Governo do Brizola¹⁶, etc... O esporte tem uma dimensão... O Segundo Tempo simboliza um pouco essa história da criança estar na escola e no segundo turno estar em atividades esportivas ou, como o pessoal costuma falar, no reforço escolar. Eu falo acompanhamento pedagógico permanente porque só tem reforço escolar o pobre. O filho de classe média fala acompanhamento pedagógico permanente, é diferente, vai pagar mais caro por ele, entendeu? Se ele não for com um professor, com um psicomotricista ou psicopedagogo é mais caro ainda. O que eu estou querendo dizer para vocês, essa síntese, foi uma necessidade da gente dentro do Ministério do Esporte, apresentar um programa capaz de começar a desconstrução do paradigma vigente e mostrar que tem uma possibilidade de ter êxito com uma outra perspectiva. Então nós precisamos sair do lance acadêmico e o PELC sai do lance acadêmico, ele dialoga com o acadêmico, mas ele apresenta a possibilidade de ser efetivamente realizável e isso a gente precisa fazer com bastante cuidado porque, na realidade, você tinha um ministro que quando você falava ele só falava de Segundo Tempo. Só falava de Segundo Tempo quando já entra o Orlando ele não fala só de Segundo Tempo, embora continuasse hegemônico pelo Segundo Tempo. Então as coisas foram avançando nesse sentido.

R.R. – Primeiro que tem uma diferença também no protagonismo no Ministério do Esporte por ser novo ele tem muito em algumas áreas na repetição de padrões e como área de lazer não tinha essa política. Ele nos deu o privilégio de ter na política atores que eram também da área tanto acadêmica quanto da gestão, o que de fato precisava em termos de produzir conhecimento?

J.F. – Não! Eu acho que sim porque na realidade, assim, por outro lado... Como os olhos, Quando você cria o Ministério do Esporte, o que a Secretaria de Esporte de Rendimento está preocupado é com o que os Jogos Pan-Americanos. Então na realidade o PELC através da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer ficou mais livre para poder até se experimentar e crescer só que em determinado momento não cresceu do ponto de vista quantitativo. Mas cresceu tanto de quantitativo, começou até a ter um certo problema de disputa de protagonismo que incomodou muitos os camaradas que estavam sobre a liderança focado na política do Segundo Tempo. O Segundo Tempo não deveria

¹⁶ Leonel de Moura Brizola.

ser um programa porque a lógica do Segundo Tempo perpassava por dentro do PELC, só que o PELC era muito mais amplo que a lógica do Segundo Tempo.

P.J. – E na tua opinião, como essas formações impactaram na implementação dos núcleos?

J.F. – Olha, impactava muito porque o grande barato do PELC... Hoje eu estou aqui na Secretaria de Desenvolvimento Social, então, eu vejo que as coisas têm uma proximidade muito grande. Então quando a gente forma uma área que mais avançou do ponto de vista dessa lógica da política social etc, etc... E essa cidade está vivendo isso, era de saúde pública porque você conseguiu com o movimento da reforma sanitária de 1988 a sexta, se não me engano, Conferência Nacional de Saúde que cria o SUS¹⁷ e essa visão de um sistema... Depois vem a educação através da LDB¹⁸ pensa também em um sistema e o desenvolvimento social, pensa também em um sistema todas essas áreas de saúde, educação etc, pensam o sistema, pensam fonte de financiamento... [TRECHO INAUDÍVEL] E a gente da área do esporte que ficou no meio do caminho, fizemos conferências, aprovamos o sistema mas não conseguimos implementar porque, na realidade, essa área sempre foi hegemônica pela parte do esporte de rendimento que sempre hegemônizou... O problema é que a gente não conseguiu, a partir das oportunidades que a gente teve por ter fortalecido a área de esporte e rendimento, conseguiu efetivamente impulsionar a construção do sistema, ou seja, o sistema esportivo do Brasil na área de esporte e lazer. Algo ainda a sonhar mesmo no esporte de rendimento você tem um fosso muito grande que envolve os que estão hoje no topo da pirâmide e aqueles que estão no esporte de base. É só você conversar com qualquer presidente de federação, ele vai reclamar horrores que não tem dinheiro para pagar a conta de luz... Qual era a nossa diferença? Nós trabalhávamos com atores que não estavam mapeados nesse sistema, então no PELC nós tínhamos a figura do professor de Educação Física mas nós tínhamos a reserva de mercado do estudante de Educação Física até alguns lugares não tinha muita mão de obra voltada para isso. Mas nos prontificávamos a fazer coisas que eram para além da lógica do esporte e as pessoas entendiam isso. Então, se uma oficina era de tricô, eu só poderia ter um estagiário lá de Educação Física se ele soubesse fazer tricô; ele não aprende tricô na faculdade de Educação Física, ele não vai para a faculdade de

¹⁷ Sistema único de Saúde.

¹⁸ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Educação Física aprender o tricô, então, essa formação era baseada porque a gente trabalhava com muitas pessoas diferentes. A gente tinha o professor de Educação Física formado em determinada linha mas nós tínhamos os bolsistas que a gente não chamava de estagiário que poderiam estar até na fase de estágio na área de Educação Física como também em outra área porque, por exemplo, eu poderia ter dentro do PELC uma oficina de culinária e talvez ali pudesse ter uma estagiaria de nutrição ou não ou uma doceira do lugar, então, como a gente trabalhava com esse grupo bastante heterogêneo era importante você ter uma unidade nessa formação. E essa formação era muito interessante porque eram ricas experiências e era importante para as pessoas ter uma almofada. Até hoje que eu ganhei lá do que vocês chamam do Sul, mimo, assim de senhoras que participavam lá de oficinas.

R.R. – Como é que tu vê esse momento de setorialidade, tu agora trabalha na área social e tem questões sobre saúde. Como é que tu vê o PELC entre a setorialidade?

J.f. – Isso é o elemento central de qualquer política social. O estado brasileiro ainda precisa trabalhar a questão da setorialidade, política pública centralizada. Aqui na prefeitura a gente tem procurado exercer porque aqui já tem um plano estratégico. Estamos montando alguns trabalhos intersetoriais, existe muita articulação nessa área de assistência com a área de Educação, com a área de Saúde, pouco com a Secretária Municipal de Esporte e Lazer que não conseguiu se consolidar. No interior da prefeitura a Secretaria de Esporte e Lazer com a Olimpíada¹⁹ ela não surfou nem dessa oportunidade da cidade ter Olimpíada... Uma secretaria com pouca robustez e peso político no interior, agora, a Educação tem uma rede forte, a maior rede da América Latina. Mas são diferenças fundamentais, agora só existe isso com política integrada e controle e avaliação de impacto dessa política de maneira integrada isso que ainda falta.

P.J. – Eu acho que era isso, né Rejane?

¹⁹ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

R.R. – É Ribamar, a gente quer agradecer muito esse saber sobre o PELC porque nos ajudou muito, porque essa visão dos anteriores... Qual o Ministério [PALAVRA INAUDÍVEL]... Eu presidi e lá na prefeitura teve esse déficit...

J.F. – Aí tu vê que o que foi acontecendo lá foi a capacidade nossa de sintetizar o que já acontecia na prefeitura podia acontecer ali...

R.R. – Na verdade o nosso parque lá em Porto Alegre, o Parque Araribóia, eu não sei quantas pessoas eu botei para trabalhar lá... Terceira idade era a maior parte, tem gente de até noventa anos fazendo atividade, então, tudo o que a gente pregava e conseguia junto em várias cidades e tu relatou muito bem ai é real.

J.F. – E o custo não é caro!

P. J. – Ok. Ribamar, obrigada pela entrevista

[FINAL DA ENTREVISTA]